

## **Por entre as camadas**

É curioso que o circuito de arte brasileiro ainda reaja à pertinência da pintura com questões simplórias – ao estilo 'Como uma instituição de arte contemporânea apresenta uma mostra apenas com pinturas?' e similares – e ressalvas preconceituosas do tipo, enquanto que em países com sistemas de artes visuais já sedimentados, como Alemanha e EUA, tal observação algo anacrônica nunca se sustentaria.

Pois o campo pictórico, segundo esses olhares de viés, parece estar longe de perspectivas nas quais atributos como o fragmentado, o híbrido, o impuro e o instável não possam estar colados a trabalhos contemporâneos que partilhem elementos como telas, pinceladas, paletas, cromatismos etc.

É importante, agora, ressaltar coletivas como *Elogio à pintura*, na galeria Mamute, à luz de duas situações recentes que ajudam a construir novas visadas, mais permeáveis e menos simplistas, sobre o campo ampliado desse suporte. Talvez por um certo êxito de mercado e um longo caminho dentro da história da arte, ele às vezes seja colocado em demasia como vidraça. A destacar ainda que vivemos tempos de polarizações virtuais, com ressonâncias muito acima do mediano a respeito de comentários rascunhados e vociferados com raiva em redes mundiais.

Um dado inicial é como artistas essencialmente ligados à pintura foram destaque – para alguns, quase os únicos – da mais recente edição da Bienal de São Paulo, a 33ª (2018), em que artistas lideraram seções curatoriais da exposição, que ainda perdura como uma das mais relevantes em âmbito internacional. Ao lado de nomes incensados como o da britânica Sarah Lucas e do pernambucano Tunga (1952-2016), esculturas, performances e fotografias escolhidas pela artista-curadora Sofia Borges foram dispostas ladeando diversas telas de nomes relativamente jovens do pictórico nacional, como Ana Prata, Bruno Dunley e Rafael Carneiro, além de artistas que detêm mais trajetória nessa linguagem, como Leda Catunda e Antonio Malta Campos.

Outro dado a lembrar também é que a curadoria provavelmente mais elogiada na mostra foi a da pintora sueca Mamma Andersson, representada pela gigante galeria David Zwirner. O recorte tinha pinturas de vigor da autora, mescladas a nada sossegados filmes, desenhos, colagens, obras sonoras e objetos de nomes pouco exibidos e francamente radicais, como o do norte-americano Henry Darger (1892-1973).

“Acho que a pintura é um lugar impuro. (...) Acho que a pintura é como qualquer outra mídia e meio”<sup>1</sup>, afirma Bruno Dunley, em livro dedicado à sua produção, numa conversa com o crítico Carlos Eduardo Riccioppo. Carlos perguntara se o artista teria interesse em especial com a ligação com o presente e com as imagens em profusão do agora. Em outro diálogo com mais estudiosos e artistas, o curador e crítico João Bandeira assinala: “Então, mas você tem uma insistência na variação de imagens (...) e um outro nome para isso seria linguagem. Quer dizer: você está articulando, você está fazendo uma coleção, na qual algumas coisas se relacionam com outras”<sup>2</sup>. Mais adiante, Ana Prata lembra o rigor excessivo do olhar externo ao focar um

pintor de realizações variadas, enquanto que o fotográfico de um Tillmans, por exemplo, constrói sua poética com numerosas fontes; que um diretor de cinema pode transitar por gêneros muito distintos etc.

Portanto, além do caráter movediço, fugidio e indeterminado da pintura desses nomes emergentes, que se estendem pelas mais diversas regiões do território, outro acontecimento recente pode nos auxiliar nesse debate. A produção desafiadora de Robert Ryman teve um ponto final no último dia 8 de fevereiro, com sua morte. Justamente o artista norte-americano ganhara um ensaio fulcral, de autoria de Yve-Alain Bois, no qual o pensador salienta a tarefa do luto na pintura. "Nada parece ser mais universal na atual situação do que o sentimento milenarista de fim"<sup>3</sup>, escreve o crítico. "Se insisto a respeito de Ryman é porque em sua arte o pressentimento do fim é tratado da maneira mais decidida. Embora alguns o considerem um pós-modernista, eu diria que ele é, mais exatamente, o guardião do túmulo da pintura modernista, a um só tempo consciente do fim e da impossibilidade de chegar a ele sem um envolvimento pleno com suas circunstâncias"<sup>4</sup>, completa Bois.

"A pintura pode não estar morta. Sua vitalidade só será testada depois que estivermos curados da nossa mania e nossa melancolia e passarmos a acreditar novamente em nossa capacidade de atuar na história: aceitando novamente nosso projeto de vivenciar o fim, em vez de nos esquivarmos dele por meio de mecanismos de defesa cada vez mais elaborados (a mania e a melancolia têm tudo a ver com isso), e decidindo nossa tarefa histórica: a difícil tarefa do luto. (...) Digamos simplesmente que permanece o desejo da pintura, e que esse desejo não está inteiramente programado pelo mercado nem a ele subordinado: esse desejo é o único elemento que aponta para uma perspectiva futura da pintura, isto é, para um luto não patológico"<sup>5</sup>, encerra o brilhante ensaísta.

Assim, temos de persistir e ler, com mais ênfase, além da profunda obra de um Ryman, os trabalhos daqui perto e cheios de pujança de nomes como os de **Antônio Augusto Bueno, Clóvis Martins Costa, David Magila, Frantz, Goia Mujalli e Pablo Ferretti**, além de saudar a emergência da mais nova representada da Mamute, **Camila Elis**. *Elogio à pintura*, assim, a cada novo olhar, pode nos deixar nas cercanias de acontecimentos particulares de tal linguagem e, ao mesmo tempo, de atestar uma desejada contaminação pelas coisas do mundo.

**Mario Gioia, fevereiro de 2019**

Crítico e Curador de Arte

1. RICCIOPPO, Carlos Eduardo (org.). *Bruno Dunley*. São Paulo, APC, 2017, p. 57

2. RICCIOPPO, Carlos Eduardo (org.). *Idem*, p. 132

3. BOIS, Yve-Alain. *A Pintura como Modelo*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2009, p. 274.

4. BOIS, Yve-Alain. *Idem*, p. 279.

5. BOIS, Yve-Alain. *Ibidem*, p. 294 e 295

## ELOGIO À PINTURA

Exposição coletiva - Antônio Augusto Bueno, Camila Elis, Clóvis Martins Costa, David Magila, Frantz, Goia Mujalli e Pablo Ferretti.

14 de fevereiro a 18 de abril de 2019.

De Terça a sexta, das 13h às 17h30h.

Local: Galeria de Arte Mamute.